

## Interação em rede social: das reações às características do gênero comentário

### Interaction on social networks: from reactions to the characteristics of comments

Roberlei Alves Bertucci\*  
Paula Ávila Nunes\*\*

---

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre o gênero comentário em uma página no Facebook e reações de usuários nesse contexto. Consideramos que a navegação e a leitura que os usuários fazem na rede devem ser relacionadas (COSCARRELLI, 2016) e que o modo de interação nesse ambiente pode variar do mais básico (reação como “curtir”, “amar”, “rir” etc.), passando pelo compartilhamento até o comentário, possivelmente o nível mais profundo de interação dos usuários com uma publicação. Se estes participam da rede por questões de afinidade (RECUERO, 2012) e fazem uso de seu excedente cognitivo para criar uma cultura de participação nesses espaços (SHIRKY, 2011), pressupõe-se que determinados temas sejam mais convidativos à interação, o que se tenta verificar pelo conjunto das reações analisadas. Espera-se que, por meio delas e de sua relação com o texto a que se referem, seja possível prever as características do comentário realizado e do tipo de texto comentado. Assim, a partir da extração de dados pelo aplicativo Netvizz de uma página específica na rede, recortaremos nosso objeto às reações “odiar”, levantando a hipótese de que essa reação deve indicar um tópico polêmico ou de insatisfação do grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero textual. Facebook. Netvizz. Comentários. Reações.

---

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the relationship between users' reactions and comments on a Facebook page. We consider that actions performed by users, such as reading and surfing the Internet, must be related (COSCARRELLI, 2016), and that the way interaction takes place in this environment can vary from a basic level (in reactions such as “like”, “love”, “laugh” etc.), passing through sharing posts, to commenting, possibly the deepest level of interaction between users and posts. If users take part of these networks seeking affinity (RECUERO, 2012) and make use of their cognitive surplus to create a culture of participation in these spaces (SHIRKY, 2011), we expect that certain subjects are more inviting to interaction, an idea which we seek to verify using the group of reactions analyzed. We expect that these reactions, as well as their relationship with the original post they refer to, will allow us to predict certain characteristics of the comment made and of the type of text being commented. Thus, based on the data extraction made by the Netvizz app on a Facebook page, we focus on the “hate” (or “Grr”) reaction, hypothesizing that it may indicate either a controversial subject or group dissatisfaction.

**KEYWORDS:** Genre. Facebook. Netvizz. Comments. Reactions.

---

---

\* Doutor em Linguística pela USP. Professor da UTFPR (Curitiba). [bertucci@utfpr.edu.br](mailto:bertucci@utfpr.edu.br)

\*\* Doutora em Linguística pela UFRGS. Professora da UTFPR (Curitiba). [paulanunes@utfpr.edu.br](mailto:paulanunes@utfpr.edu.br)

## 1. Introdução

Na história humana, compartilhar e avaliar experiências sempre foram ações fundamentais, inclusive para a sobrevivência da espécie. Hoje, em tempos em que tal sobrevivência já foi assegurada por nossos antepassados, elas, acima de tudo, contribuem para promover mudanças importantes na sociedade, tendo impacto nos tipos de tecnologia que, dialogicamente, também influenciam no compartilhamento e avaliação dos fenômenos da vida humana. É o caso, por exemplo, das tecnologias digitais, as quais, entre outras coisas, fomentaram uma participação ainda maior das pessoas na produção de conteúdo disponibilizado livremente na grande rede, verificada também na publicação de suas atividades e visões pessoais. Ainda que aparentemente trivial sob o olhar do século XXI, isso faz, como afirma Shirky (2011), com que “os usos sociais de nossos novos mecanismos de mídia [sejam] uma grande surpresa, em parte porque a possibilidade desses usos não estava implícita nos próprios mecanismos” (p. 18). Entretanto, como ainda ressalta o autor, “o uso de uma tecnologia é muito pouco determinado pelo próprio instrumento; quando usamos uma rede, a maior vantagem que temos é acessar uns aos outros” (idem). O “acesso” a outras pessoas, aparentemente tão comum quando falamos nos tempos atuais, em que redes sociais estão tão em voga, não pode, contudo, ser visto com ineditismo:

A atomização da vida social no século XX deixou-nos tão afastados da cultura participativa que, agora que ela voltou a existir, precisamos da expressão “cultura participativa” para descrevê-la. Antes do século XX, realmente não tínhamos nenhuma expressão para cultura participativa; na verdade, isso teria sido uma espécie de tautologia. Uma fatia expressiva da cultura era participativa – encontros locais, eventos, performances – porque de onde mais poderia vir a cultura? *O simples ato de criar algo com outras pessoas em mente e então compartilhá-lo com elas representa, no mínimo, um eco daquele antigo modelo de cultura, agora em roupagem tecnológica* (p. 23, grifos nossos).

Nesse contexto, é possível, pois, depreender dois aspectos essenciais: publicar, compartilhar e reagir a conteúdos não são práticas *mais* presentes em nossas vidas. Elas apenas se dão por meio de tecnologias tão pervasivas que nos dão essa sensação de ubiquidade. O segundo ponto, igualmente importante, é que, como se sabe, a linguagem exerce um papel decisivo na produção de cultura e, evidentemente, não é o simples artefato tecnológico que tiraria dela esse lugar central, até mesmo por ser a linguagem requisito fundamental para a criação das tecnologias produzidas pelo homem (VARGAS, 2009; XAVIER, 2013) e condição

*sine qua non* para seu aprimoramento, sendo ambas, linguagem e tecnologia, o que diferencia o homem como ser social do homem como ser biológico (PINTO, 2005).

Tratar de linguagem em contextos da chamada “era digital”, portanto, é imperativo em nossa constante tentativa, como linguistas, de entender o modo pelo qual a linguagem se coloca como fundamento antropológico principal, sobretudo em sua relação com a tecnologia, uma vez que “o verdadeiro cerne de nossa cultura [...] é sua ciência, arte e tecnologia, a soma total das conquistas, invenções e descobertas que definem nossa ideia de ‘civilização’” (GEERTZ, 2008). Ademais, a profícua relação entre linguagem e tecnologia – atemporal, mas tornada mais perceptível pelas atuais instâncias de interação mediada por computadores, sobretudo na massiva quantidade de interações proporcionadas pelas redes sociais – tem proporcionado mudanças significativas na sociedade, especialmente quando se considera a relação de mediação da segunda em relação à primeira, materializada em alguns problemas que os linguistas (e outros estudiosos) têm tratado de investigar: do tipo de texto ao modo de escrever; da circulação ao “choque” com o leitor (BARTON; LEE, 2015; JENKINS et al., 2014; LEMOS, 2015; LIMA, 2012; SOARES, 2002; XAVIER, 2013).

Nessa conjuntura, a tecnologia, ao criar um novo espaço para as ações humanas, o “ciberespaço”, formata uma era que tem contribuído para a circulação de um novo formato de texto: o hipertexto. Assumindo a proposta de Xavier (2013, p. 153), de que o hipertexto é “um dispositivo ‘textual’ semiolinguístico”, consideraremos uma postagem no Facebook como um tipo de hipertexto, no qual o sujeito navegador pode traçar um caminho próprio, a partir das possibilidades existentes entre leitura e navegação nesse ambiente (COSCARELLI, 2016).

Nesse sentido, é relevante também tratarmos da emergência de gêneros textuais no ambiente digital. Enquanto alguns deles parecem ser típicos do meio digital (memes e gifs, por exemplo), outros ocorrem em muitos outros ambientes, mas parecem ter ganhando mais frequência ali (tais como os comentários e as notícias), provocando uma ação discursiva igualmente mais intensa dos membros da rede (SANTOS; ALVES FILHO, 2014). Com isso, a análise dos gêneros midiáticos está intimamente ligada às formas de letramento, por oferecer uma reflexão sobre as práticas sociais efetivas dos indivíduos em uma sociedade (SOARES, 2002). Isso decorre do fato de toda a tecnologia provocar mudanças importantíssimas em nossas práticas comunicativas (POE, 2012), e não diferentemente ocorre no meio digital, com implicações, por exemplo, na relação entre escritor, leitor e texto, conforme apontam diferentes autores (SOARES, 2002; XAVIER, 2013).

Dessa forma, o presente artigo tem o objetivo de investigar se algumas dessas práticas linguísticas, materializadas em gêneros específicos – ainda que não restritos ao ambiente da grande rede –, podem ser descritas por meio de uma ferramenta computacional. Mais especificamente, queremos investigar se as reações de usuários do Facebook podem indicar alguma característica da publicação à qual reagiram. Para isso, escolhemos, como recurso de análise, a ferramenta Netvizz, um aplicativo utilizado para coleta de dados especificamente nessa rede social, e a página Lítera Brasil, disponível na mesma rede, e cujos motivos de escolha são delineados mais adiante neste escrito. Nossa investigação, então, é basicamente a seguinte: as reações dos usuários a uma publicação podem indicar as características linguísticas (composicionais) do texto publicado? Mais do que isso: essas reações podem antecipar o tipo de comentário a ser feito nesse ambiente, de modo a se prever se ele será mais próximo de um comentário argumentativo ou não? A partir de uma análise preliminar, nossa hipótese é de que algumas reações da rede podem indicar pontos relevantes na análise de gêneros no ambiente hipertextual do Facebook. De forma mais pontual, nossa hipótese é de que comentários argumentativos e avaliativos<sup>1</sup> são mais frequentes em textos de alto índice de reação “odiar”.

Esse tipo de pesquisa torna-se relevante especialmente quando se trata de mapear as características dos gêneros textuais com o uso ferramentas computacionais. Se, por um lado, os pesquisadores sempre se questionam sobre o que torna um gênero textual específico e diferente de outros gêneros, na outra ponta surgem cada vez mais ferramentas e aplicativos que tendem a lidar com grande número de dados e que podem auxiliar nessa diferenciação. Assim, quanto mais conseguirmos cruzar os dados relativos a diferentes textos (e reações), melhor deverá ser nosso entendimento sobre as questões relativas ao gênero.

Para cumprir o objetivo aqui proposto, o artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, apresentamos os pressupostos teóricos de nossa pesquisa; na terceira parte, os detalhes da metodologia; na parte 4, divulgamos os resultados a que chegamos e, na última seção, as considerações finais.

---

<sup>1</sup> Vamos considerar, *grosso modo*, “argumentativo” como uma característica do texto que apresenta algum tipo de argumento a respeito de um tema, apresentando, assim, maior recorrência do tipo textual argumentativo, conforme tipologia de Marcuschi (2002); os avaliativos, por seu turno, são aqueles que contêm uma avaliação sobre um fato, mas sem necessariamente apresentar um argumento para isso. Essas duas categorias se distinguem daqueles comentários que apresentam, por exemplo, o nome (link) de um usuário, em que o comentário serve, na verdade, para indicar a publicação para a pessoa referida, mediante citação de seu nome nos comentários.

## 2. Pressupostos teóricos

### 2.1. Tecnologia

O desenvolvimento de técnicas *incorporadas* ao cotidiano do homem foi uma constante ao longo de nossa história. Além das necessidades da realidade imediata, que apareciam e exigiam novos instrumentos (como a agricultura, por exemplo), esse desenvolvimento parece ser parte da capacidade humana de sempre buscar aperfeiçoar aquilo que já existe, ou, em outros termos, são criações tributárias da inigualável capacidade humana de projetar (PINTO, 2005). Constatação semelhante também é feita por Vargas (2009, p. 9), ao afirmar que

(...) a técnica não se resume à invenção e uso de um instrumento. Ela tem a característica marcante de que, uma vez inventado o primeiro instrumento, desencadeia-se um processo de melhoria de suas formas e usos para satisfazer necessidades crescentes da humanidade.

Ainda que a linguagem, por si só, não possa ser considerada como uma tecnologia, dado que é natural e inata ao ser humano<sup>2</sup>, ela sempre teve papel fundamental no desenvolvimento das técnicas pelo homem, por permitir que fossem feitas relações por diferentes sujeitos em diferentes tempos, sobretudo uma vez criado o aparato simbólico da escrita, nossa primeira máquina do tempo (GNANADESIKAN, 2009), a qual nos permitiu suspender a linearidade temporal e plotar uma língua em um papel, traduzindo o tempo (da fala) no espaço (da escrita)<sup>3</sup>. A capacidade de descrever e analisar o mundo – sempre existente, mas facultada especialmente pelo salto simbólico necessário à aquisição da escrita –, aliada a uma inerente criação imaginativa, dá ao homem o poder de “progredir” em suas técnicas de modo único na natureza. O desenvolvimento científico, por consequência, contribui para o avanço tecnológico. As inúmeras descobertas feitas possibilitaram o desenvolvimento de diferentes ferramentas em diferentes áreas, como a agricultura, a saúde e, claro, as comunicações. Marshall Poe (2012), inclusive, dedica todo seu livro, *A history of communications*, às grandes criações tecnológicas que afetaram a forma como nos comunicamos hoje, desde a escrita manuscrita até a Internet,

---

<sup>2</sup> Esse, na verdade, não é exatamente ponto pacífico entre os pesquisadores da filosofia da técnica. Entretanto, subscrevemos a ideias de autores como Pinto (2005), Vargas (2009) e Poe (2012), para quem a tecnologia é uma produção *deliberada* por parte do ser humano, sendo fruto de sua capacidade de criação e raciocínio. Portanto, a linguagem, concebida como a capacidade humana inata de simbolizar, não pode, acreditamos, ser tratada de tal forma, já que não é uma *criação*.

<sup>3</sup> É interessante a análise realizada por Marshall Poe (2012) quanto à invenção da escrita e os novos atributos que tal criação deu à interação humana, especialmente quando a comparamos à fala, sendo talvez os mais expressivos a privacidade, o alcance e a persistência da informação.

sendo esta última bastante especial por parecer englobar todos os outros tipos de mídia precedentes (verbal – seja oral ou escrito – e audiovisual).

A relação do homem com a tecnologia, no entanto, sempre foi ambígua: se, de um lado, é inegável que a ela é capaz de melhorar a qualidade de vida dos seres humanos (GRINSPUN, 2009; MARTÍNEZ, 2015), de outro, é igualmente inegável que há consequências no uso dessas tecnologias que podem prejudicar a qualidade de vida das pessoas (MARTÍNEZ, 2015), como ocorre com a excessiva produção de lixo nos dias de hoje (além do lixo tóxico de equipamentos tecnológicos, mas, até mesmo, o chamado *lixo cultural*),<sup>4</sup> ou mesmo com o aumento de níveis de ansiedade, provocado pelo excesso de interação possibilitado pelas mídias como um todo, mas potencializado pelos meios digitais<sup>5</sup>.

Ainda que haja uma série de pesquisas relacionadas à influência na qualidade de vida das pessoas que utilizam redes sociais,<sup>6</sup> tanto estas quanto seus usuários parecem crescer a cada dia: em junho de 2016, eram 1,65 bilhões de pessoas no Facebook, sendo quase 100 milhões de usuários apenas no Brasil,<sup>7</sup> contra 800 milhões em 2011 (RECUERO, 2012, p. 15). Isso faz com que não se possa ignorar o impacto que tais redes têm na vida das pessoas, nem em seus modos de produção e circulação de conteúdos. De modo mais específico, essas redes modificam algumas relações sociais (criam grupos de interesse, por exemplo), modificam o modo como os seres humanos se apropriam das tecnologias (um telefone, meio de comunicação, pode gravar algo para uma denúncia ser feita em uma rede social, por exemplo), além de apresentar algumas especificidades linguísticas (o modo de escrita nas redes pode diferir de outros lugares de escrita, por exemplo).

Isso tudo justifica o trabalho que aqui se apresenta, uma vez que a forma como se dão as práticas languageiras nesse ambiente é diferente da conversa presencial. Assim, se, como

---

<sup>4</sup> Sobre isso, ver, por exemplo, o trabalho de Wolton (2012).

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, a asserção de Shirky (2011), que já notava tal fato relativamente à televisão: “[...] os economistas comportamentais [...] concluem não apenas que pessoas infelizes assistem consideravelmente mais televisão do que pessoas felizes, mas, além disso, que ver TV também afasta outras atividades que provocam menos interesse imediato, mas que podem produzir maior satisfação a longo prazo. Passar várias horas vendo TV, por outro lado, associa-se a maiores aspirações materiais e a um *aumento de ansiedade*” (p. 11, grifos nossos).

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, as matérias “Facebook entristece as pessoas, diz estudo”, publicada no jornal Bem Paraná, em 23 de novembro de 2016, disponível em: <http://www.bemparana.com.br/noticia/476008/facebook-entristece-as-pessoas-diz-estudo>, acessada em 23. nov. 2016 e “Se você quer ser feliz, saia do Facebook”, publicada em 25 de novembro pelo El País (Brasil), disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/23/tecnologia/1479897698\\_896068.html?id\\_externo\\_rsoc=Fb\\_BR\\_CM](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/23/tecnologia/1479897698_896068.html?id_externo_rsoc=Fb_BR_CM), acessada em 25. nov. 2016.

<sup>7</sup> Conferir reportagem do portal G1: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/instagram-ultrapassa-os-500-milhoes-de-usuarios.html> Acesso em 23. nov. 2016.

afirma Recuero (2012, p. 28), “num diálogo, tudo é informação: elementos prosódicos (como o tom da voz, a entonação e as pausas da fala), elementos gestuais e, evidentemente, as palavras”, no ambiente virtual todos os outros sinais semiotizados precisam ser lidos, a fim de que o leitor construa os sentidos ali presentes. Nesse sentido, a navegação e interação no meio digital, pela complexidade da convergência de diferentes semioses, são diferentes também da interação puramente escrita. Essas questões abrem espaço para uma pesquisa ampla, que pode envolver as reações numa publicação no Facebook, a forma de pontuação que ocorre em textos ali escritos, a construção de identidades no espaço virtual, ou mesmo a utilização de uma ferramenta de apreciação de um comentário, tema de nosso estudo aqui. Tudo em busca de compreender melhor como se dão as práticas e trocas sociais ali estabelecidas por meio da linguagem.

Tendo isso em vista, analisamos, neste trabalho, características de algumas publicações da rede social Facebook por meio da ferramenta Netvizz. Por ela, tencionamos verificar se é possível prever o tipo de comentário feito em algumas publicações da rede, analisadas aqui em uma perspectiva hipertextual.

## 2.2. Texto e hipertexto

A partir da perspectiva sociointeracionista, assumimos que as atividades sociais ocorrem por meio da linguagem (XAVIER, 2013). Em outras palavras, entendemos, junto a outros autores, que a linguagem é elemento *sine qua non* para as atividades sociais cotidianas no ser humano. Por isso, tanto atividades simples, como fazer um pedido, quanto complexas, como escrever uma tese, são feitas por meio da linguagem, o que sempre produz uma ação.

Dessa forma, são igualmente essenciais os processos de semiotização dessas ações, sejam por signos linguísticos, imagens, ícones etc. Tais processos, integrados, constituem a totalidade textual e hipertextual, de onde se constroem os gêneros capazes de fazer circular os discursos, ou seja, suas práticas sociais intermediadas pela linguagem. Seguindo Xavier (2013, p. 139), podemos entender textos como

resultados de cruzamentos entre um conjunto de matrizes: linguístico-cognitivas (capacidade para mobilizar e processar racionalmente recursos verbais), biofísicas (condições articulatórias e motoras para produzir fonemas e grafemas sistematizados e compreensíveis) e históricas (contexto sócio-político a partir do qual uma palavra, expressão ou longo trecho deve ser compreendido). Por causa da instabilidade de tais variáveis, o texto deve ser



concebido como uma ação de um sujeito em processo e não como um produto finalizado.

Nesse sentido, cada prática social feita linguisticamente relaciona a ação do falante e do ouvinte: tudo contribui para a construção do processo, ainda que nunca se finalize o produto ao qual chamamos de “texto”. Nessa relação, outro texto pode surgir em “reação” ao primeiro, igualmente incompleto, mas que concretiza a noção de prática social da atividade linguística como uma troca entre indivíduos.

De forma complementar, o hipertexto tem ampliadas suas condições de produção e seus percursos de leitura. Assumindo a proposta de Xavier (2013, p. 153), definimos “o hipertexto como um dispositivo ‘textual’ digital semiolinguístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros) on-line, isto é, indexado à Internet”. Em outras palavras, o hipertexto deverá ser realizado sempre em meio digital e aglutinar diferentes linguagens.

Ao integrar elementos multissemióticos, acaba por permitir ao leitor um caminho de leitura próprio, o que também deve influenciar no modo como as pessoas reagem a ele. Em outras palavras, se, no texto “padrão”, o autor delineava seu texto e esperava do leitor que construísse um caminho, no hipertexto, o autor oferece caminhos diversos ao leitor, que pode, por sua vez, se deparar com outros hipertextos e outros caminhos na navegação. Por isso, mais do que um texto, o hipertexto mostra-se como um ambiente específico de navegação.

Para Soares (2002), a necessidade de reflexão sobre essas novas práticas sociais está diretamente ligada às formas de letramento disponíveis na sociedade. Ainda que o presente trabalho não se debruce nos pressupostos de letramento, pode servir de base para análises desses fenômenos, já que, para a autora, a era atual é

um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o estado ou condição que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel (SOARES, 2002, p. 146).

Em outras palavras, se a escrita causou mudanças extremamente significativas na história humana (FISCHER, 2009; LIMA, 2012; XAVIER, 2013), qual não seriam as mudanças causadas pela tecnologia digital, que exige, cada vez mais, práticas de leitura e escrita



diversificadas e aprofundadas? Acima de tudo, essas modificações parecem exigir novas formas de letramento.

Conforme Soares (2002), a cibercultura sugere que devemos falar em *letramentos*, no plural, exatamente pelas inúmeras questões colocadas nas práticas de leitura e escrita nesse ambiente, especialmente quando se observa que são delineadas por distintas tecnologias de escrita e leitura, o que, por sua vez, exige diferentes letramentos. Em outras palavras, devemos considerar, com a Linguística, que diferentes tecnologias de escrita mobilizam “diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita” o que resulta “em diferentes *letramentos*” (SOARES, 2002, p. 156).

Poderíamos exemplificar a identificação dessas novas práticas, apontando para uma diferença fundamental que a era digital tem provocado: a relação entre leitura e navegação. Para Coscarelli (2016), a leitura em ambiente virtual depende da perfeita relação entre esses dois pontos. De um lado, a navegação envolve o percurso a ser construído: “a navegação efetiva nos ambientes virtuais requer que os usuários saibam onde estão, onde precisam ir, como chegar lá e quando eles chegaram” (LAWLESS; SCHRADER, 2008, p. 269, apud COSCARELLI, 2016, p. 65). Isso significa, para a autora, que navegar não é algo banal.

De fato, navegar requer do usuário a capacidade de identificar e interpretar os elementos multissemióticos que permitem que ele responda aos requisitos acima. Nesse sentido, a navegação exige também um grau de leitura (e letramento) profundo do usuário: para cada elemento semiótico com o qual se depara, ele precisa interpretá-lo (lê-lo, portanto) para tomar uma decisão de navegação. De forma circular, cada navegação também exige do usuário uma leitura específica e assim por diante. Dessa forma, assumimos que é nesse movimento que os sentidos vão sendo produzidos e a coerência textual de um hipertexto vai sendo produzida. De igual forma, acreditamos que os elementos em análise neste texto, quais sejam, as reações a uma publicação, são formas não apenas de navegação, mas de leitura de um conteúdo produzido. Por envolver diferentes elementos semióticos, conforme mostramos adiante, configura-se, portanto, como um ambiente privilegiado para investigação dos dois elementos estudados por Coscarelli. Propomos, dessa forma, que a análise da página Lítera Brasil, a partir de suas reações e comentários em suas publicações, pode contribuir para as pesquisas que levam em conta os pressupostos apontados acima.

### 2.3. Gêneros textuais

Marcuschi e Xavier (2010) sustentam que as formas de utilização de linguagem são modificadas à medida que se modificam as tecnologias associadas a elas, o que leva a um pressuposto básico de criação ou alteração de gêneros textuais à medida que novas tecnologias linguísticas surgem.<sup>8</sup> Nesse sentido, a análise das interações que tomam lugar nos ambientes digitais é importante por promover uma reflexão sobre os gêneros ali presentes.

Assumimos, com Marcuschi (2010), que, bakhtinianamente, os gêneros são fenômenos sociais e históricos: primeiro, porque são fundamentais para as práticas sociais; depois, porque surgem em momentos determinados e com funções específicas. Em outras palavras, “são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural”, ainda que não sejam “categorias taxionômicas para identificar realidades estanques” (MARCUSCHI, 2010, p. 19).

Se concebermos gênero como um instrumento complexo de ação social, somos levados a considerar os três pontos fundamentais da concepção de Bakhtin (1992): primeiro que ele sempre aborda um *tema* (conteúdo) num dado contexto; depois, tem uma *composição* característica (estrutura textual/gramatical); e, finalmente, apresenta o *estilo* (as opções) do autor para expressar e enunciar seu texto.

Para Marcuschi (2010), a relação íntima entre o gênero e a tecnologia pode ser vista tanto na noção bakhtiniana de gênero como algo “relativamente estável”, estilística e composicionalmente, quanto na função de instrumento comunicativo. Ora, se é assim, quaisquer interferências nas tecnologias linguísticas vão refletir diretamente tanto na “estabilidade” quanto na “instrumentalidade” dos gêneros, o que parece acontecer com o fenômeno hipertextual.

Embora quase sempre multimodal, o hipertexto é essencialmente escrito, ou pelo menos exige as leituras para a construção de sentidos no percurso do leitor, conforme a relação já apresentada entre ler e navegar (COSCARELLI, 2016). Nesse sentido, consideramos que, numa página de Facebook e em suas postagens, tanto a escrita quanto as suas reações são essenciais para essa construção. Indo além da leitura, os itens que formam o aparato hipertextual e interacional de uma página nesse ambiente são passíveis de análises que podem ser essenciais para a compreensão das práticas de letramento na sociedade.

---

<sup>8</sup> Chamamos de *tecnologias linguísticas* todas as criações humanas utilizadas para produção, compreensão e difusão de suas produções linguísticas, tais como dicionários, gramáticas ou mesmo tradutores automáticos.

As publicações em si não devem ser analisadas como um gênero particular, já que podem ser compostas por diferentes deles: podem conter uma foto com ou sem um texto integrado (legenda ou mesmo um comentário); um vídeo com uma introdução textual sobre ele; um link entre outros. No entanto, a rede limita os tipos de materiais que podem ser publicados ali, sendo os mais comuns imagem, vídeo, link e documentos de texto. Um determinado usuário que navega pela rede faz escolhas importantes, que revelam o seu grau de envolvimento e letramento com tais publicações. Ao se deparar com uma publicação, o usuário a lê e decide como reagir a ela: pode simplesmente ignorá-la, ou utilizar umas das opções sugeridas pela rede (curtir, amar etc.). No entanto, pode ir além: compartilhar aquela publicação, por considerá-la relevante em algum grau, ou mesmo comentá-la.

Vamos considerar, aqui, que o comentário é o grau mais importante de envolvimento de um usuário, porque exige, além de uma navegação e leitura atentas, disposição e capacidade de contribuir para a ampliação da publicação. É um outro texto, que revela o percurso construído pelo leitor e que soma outros sentidos ao primeiro. Por isso, os comentários são o grau mais intenso de interação na tríade autor, texto, leitor numa rede como o Facebook, quando se considera a modalidade escrita.

De algum modo, portanto, neste artigo, cruzamos os dados da interação mais básica (reação) com os da interação mais profunda (comentários), a fim de verificar se isso nos dá previsões sobre o gênero da publicação e/ou sobre os tipos de comentários a serem encontrados ali. Na relação com os gêneros textuais, tentamos cruzar o índice de determinadas reações à composição dos possíveis comentários que uma postagem pode receber. Mais especificamente, queremos relacionar o índice de reações “odiar” a comentários de teor avaliativo ou argumentativo na postagem.

Os usuários da rede estão aos poucos utilizando outras reações além de “curtir”, a primeira e mais utilizada delas. Por isso, além de descrevermos a frequência de “odiar”, parece interessante, igualmente, relacionar essas reações a possíveis publicações e comentários que possam ser feitos. Intuitivamente, tomamos a reação “odiar” como algo bastante relevante na rede porque, partindo do princípio de que as redes sociais são espaços de interação e formação de grupos de afinidade, bem como de participação de eventos (ou páginas) de interesse (RECUERO, 2012), podemos assumir que essa reação esteja associada a postagens que ou apresentam um fato que desagradava uma comunidade em geral (aqueles que curtem e/ou seguem a página), ou um fato polêmico. Dessa forma, esperamos encontrar, nos comentários da

respectiva postagem, argumentos que revelem pelo menos uma das características da postagem apontadas acima (fato desagradável ou polêmico).







De forma semelhante a Santos e Alves Filho (2014), consideramos que o gênero comentário é um tipo de resposta a uma publicação, constituindo-se de uma “réplica” tanto à própria publicação como a outros comentários. Nesse sentido, sua composição deve ter uma referência àquilo que foi postado, direta ou indiretamente, com modos de referência, por exemplo, enquanto seu estilo segue a subjetividade dos sujeitos que ali interagem.

Como temos dito, tentamos verificar, basicamente, de que forma os comentários retomam o tema da publicação e trazem um argumento com relação a ele. Por isso, não vamos delinear as estratégias de referência e argumentação, que estão fora do escopo deste trabalho.

### 3. Metodologia

Barton e Lee (2015, p. 37) afirmam que o ambiente *online* apresenta novos métodos de pesquisa da linguagem: “investigar textos e práticas *online* proporciona novas possibilidades de metodologia de pesquisa linguística”. A quantidade de dados que a internet proporciona, e de forma gratuita, aliada a estudos multidisciplinares, como os de mídia, podem ser fundamentais para se investigar a linguagem como um todo (e não necessariamente apenas a *online*). Outro ponto importante é que, na rede, os dados são gerados fora de um ambiente de controle de pesquisa (ainda que o possa ser com relação à escrita), o que pode aparentar mais “naturalidade” em sua produção.

Lançado em 2004, nos Estados Unidos, o Facebook reúne uma série de funcionalidades que envolvem diferentes práticas sociais: marcação, convite e confirmação para eventos, formação de grupos específicos de interesse, atualizações de *status* (formato de *microblogging*), comentários sobre as postagens, transmissão ao vivo (mais recente), entre outros. Com relação aos comentários, Barton e Lee (2015, p. 59) afirmam que “por vezes, [o recurso de comentário] age como um *site* para mini fóruns de discussão”.

Além dos comentários, uma postagem pode gerar uma série de reações, a saber: curtir () , amar () , rir/haha () , admirar/wow () , chorar () e odiar/grr () . Vamos assumir que, com exceção de “curtir” e “admirar”, as outras estão organizadas em pares de antônimos: amar vs. odiar e rir vs. chorar. Neste artigo, trabalhamos, pelos motivos já citados, com o segundo elemento do primeiro par: “odiar”.

Para restringir a quantidade de dados, vamos comparar as publicações com maiores índices de “odiar”, em relação às demais. Nossa intenção é dupla: primeiro, verificar o que esse tipo de reação pode indicar com relação ao tipo de texto publicado; depois, se os comentários feitos nessa publicação reforçam uma análise negativa por parte dos usuários.

Para a coleta de dados, utilizamos o aplicativo Netvizz, disponível na própria rede social Facebook.<sup>9</sup> O aplicativo extrai dados de páginas e grupos que podem servir para pesquisas de diferentes áreas. Depois de extraídos, os dados precisam ser consolidados em uma planilha específica, ou mesmo analisados por softwares.<sup>10</sup>

Para a presente pesquisa, escolhemos a página Lítera Brasil, que divulga postagens sobre Literatura, Artes e Cultura pop no Facebook, atualmente com mais de 66 mil curtidas, e administrada por dois professores formados em Letras.<sup>11</sup> Em sua descrição, afirma-se o objetivo de “divulgar grandes nomes da Literatura nacional e universal, bem como auxiliar os vestibulandos de todo país na leitura e estudo das Obras e das Escolas Literárias”. Entretanto, na rolagem de suas publicações, encontram-se muitas publicações de cunho humorístico (alguns “memes”, por exemplo) e algumas notícias sobre a área que aborda. Exatamente por isso é que a página foi escolhida: por agregar um conteúdo leve e descontraído sobre obras, personagens e autores literários, o que poderia indicar uma baixa ocorrência de textos com polêmica ou de desagrado dos seguidores. Ou seja, esperamos, ali, encontrar um baixo índice de reações “odiar” em suas publicações.

A figura a seguir apresenta a página inicial do Lítera Brasil.

Figura 1 – Página inicial do Lítera Brasil.



<sup>9</sup> Disponível em: <<https://apps.facebook.com/Netvizz>> Acesso em 24. nov. 2016.

<sup>10</sup> Por questões de espaço, vamos deixar o detalhamento da utilização do Netvizz para o uso em trabalhos de Linguística para outro artigo, o qual já está em preparação. No entanto, indicamos Freire (2015) para mais detalhes gerais sobre o aplicativo.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/LiteraBrasil/>> Acesso em 24. nov. 2016.

Por razões de tempo e espaço, restringimos o período de extração de dados entre 05 e 11 de novembro de 2016, com um total de 601 publicações, gerando mais de 270 mil reações, mais de 20 mil comentários e mais de 110 mil compartilhamentos. As variáveis que tentamos investigar foram o número de reações “odiar” no total de publicações e em publicações específicas (aquelas de alta ocorrência). A outra variável foi a presença de indicativos de posição argumentativa nos comentários referentes às publicações com esse tipo de reação. Os resultados são analisados na seção a seguir.

#### 4. Resultados

A extração de dados entre 05 a 11 de novembro da página Lítera Brasil está presente no Quadro 1, a seguir. Percebe-se que os números são bastante relevantes para o cruzamento de dados que desejamos fazer neste trabalho, ou seja, entre o tipo de reação e o teor argumentativo dos comentários.

Quadro 1 — Números gerais do Lítera Brasil (05 a 11 de novembro de 2016).

Item	Números
Publicações	601
Comentários	20.808
Reações	275.981
Compartilhamentos	113.223
Engajamentos	410.012

É importante dizer que o item “engajamento” refere-se ao envolvimento dos usuários nas publicações da página, seja por meio de reações, comentários ou compartilhamentos, por exemplo.<sup>12</sup> Em outras palavras, é a soma dos níveis de interação do leitor com o texto: comentários, reações e compartilhamentos que houve no período analisado.

A tabela 2, a seguir, descreve o tipo e o número de publicações, relacionando isso ao tipo e ao número de comentários e reações. Acrescentamos, também, a porcentagem desses números em relação aos totais apresentados no Quadro 1.

<sup>12</sup> Mais informações em: < <http://trends.rmacomunicacao.com.br/visibilidade-engajamento-e-reputacao-como-definir-as-metricas-que-interessam-para-a-sua-marca-nas-redes-sociais> > Acesso em 24. nov. 2016.

Tabela 1 — Tipo e quantidade de publicações.







<b>Publicação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Comentários</b>	<b>Reações</b>	<b>Compartilhamentos</b>	<b>Engajamentos</b>
<b>Vídeo</b>	34/601 (5,6%)	2.222/20.808 (10,7%)	9.844/275.981 (3,6%)	8.322/113.223 (7,3%)	20.388/410.012 (5%)
<b>Link</b>	64/601 (10,6%)	727/20.808 (3,5%)	10.317/275.981 (3,7%)	4.467/113.223 (4%)	15.511 410.012 (3,8%)
<b>Status</b>	22/601 (3,7%)	78/20.808 (0,4%)	1.663/275.981 (0,6%)	241/113.223 (0,2%)	1.982/410.012 (0,5%)
<b>Evento</b>	1/601 (0,1%)	0/20.808 (0%)	1/275.981 (0%)	0/113.223 (0%)	1/410.012 (0%)
<b>Foto</b>	480/601 (80%)	17.781/20.808 (85,4%)	254.156/275.981 (92,1%)	100.193/113.223 (88,5%)	372.130/410.012 (90,7%)

Os dados revelam que o tipo de publicação de maior impacto nessa página, no período em questão, são as imagens (fotos): ocupam 80% do total de publicações da página, mas têm um índice de 90,7% de todo o engajamento que feito ali. Na outra ponta, está o evento, com apenas uma publicação e 0% de engajamento (houve apenas uma reação). Outro ponto que deve ser levado em conta é a diferença entre vídeos e links: enquanto estes têm mais de 10% do total de publicações, contra 5,6% daqueles, os comentários são muito mais frequentes nos vídeos do que nos links; também se nota diferença no índice de engajamento, sendo 5% do total para os vídeos, contra 3,8% dos links. Ou seja, mesmo com praticamente a metade de publicações, os vídeos geram mais impacto na página Lítera Brasil. No total, portanto, percebe-se que imagens e vídeos são aqueles que mais geram engajamentos na página, somando 85% do total de publicações e quase 96% do total de engajamentos. Esse dado revela a importância de uma análise que leve em conta a relação entre reações e comentários, o que coloca em perspectiva as hipóteses que temos lançado ao longo do texto.

O quadro seguinte compara os tipos de publicações aos tipos de reações. É daqui, basicamente, que recortamos os dados para a análise dos comentários. É importante destacar que há uma diferença na soma das reações do Quadro 3 com relação ao total no Quadro 2. Isso ocorre porque o Facebook permite que se desfça uma reação. Dessa forma, enquanto o Quadro em 2 apresenta o total de reações da publicação (feitas e desfeitas), o Quadro 3 apresenta apenas aquelas que foram mantidas.



Tabela 2 — Comparação entre os tipos de publicações e os tipos de reações.

Reação							Total
	Curtir	Amar	Rir	Admirar	Chorar	Odiar	
Publicação							
Vídeo	7.275	2.405	23	35	0	0	9.738
Link	8.009	1.309	211	207	142	309	10.187
Status	1.328	171	141	1	0	0	1.641
Evento	1	0	0	0	0	0	1
Foto	202.613	24.363	17.531	1.484	4.044	715	250.750
<b>Total</b>	219.226	28.248	17.906	1.727	4.186	1.024	272.317
<b>% do total</b>	80,5%	10,4%	6,6%	0,6%	1,5%	0,4%	100%

A Tabela 2 nos mostra que a reação mais utilizada nas publicações foi a “curtir”, com mais de 80% de cliques<sup>13</sup>. Por outro lado, a menos utilizada foi a reação “odiar”, foco de nosso trabalho.<sup>14</sup> Nessa reação, o dado mais surpreendente é que, com exceção das fotos, cujos dados são majoritários em todas as reações, “odiar” ocorreu com bastante frequência com os links publicados na página, sendo a terceira reação mais clicada; em outras publicações, “rir” (ou “admirar”) ocupavam esse posto. Nossa intenção, agora, é relacionar algumas dessas publicações e alguns comentários para verificar se o que dissemos anteriormente a respeito da relação direta entre essa reação e fatos desagradáveis ou polêmicos pode ser verificada.

Primeiramente, precisamos destacar que, na página analisada, 5 das 10 publicações mais “odiadas” estavam relacionadas a votações divulgadas pela página. A mais votada, com 360 “odiar”, por exemplo, fazia parte da enquete sobre o melhor personagem masculino da literatura brasileira. Cada personagem ali apresentado estava relacionado com um tipo de reação, que seria equivalente ao voto do internauta. Por isso, o número de 360 reações “odiar”, na verdade, é a quantidade de votos dados a Brás Cubas, que está em terceiro lugar nas “Olimpíadas” da página, ficando atrás de Bentinho (383 “amar”) e João Grilo (618 “chorar”).<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Além do fato de que apenas recentemente o Facebook disponibilizou outras opções que não apenas “curtir”, muito em função de postagens relacionadas à divulgação de eventos tido como tristes, como a morte de alguém, por exemplo, também levantamos a hipótese de que “curtir” ainda é a reação mais realizada por exigir menos esforço por parte do usuário. Enquanto, para “curtir”, é necessário apenas clicar no botão correspondente, quem quiser realizar qualquer outro tipo de apreciação terá que mover o cursor por sobre o botão, esperar o aparecimento das outras reações e, só então, clicar em alguma delas.

<sup>14</sup> Vale ressaltar que a reação com menor número foi “Agradecer”, com 11 cliques, mas, como não está mais presente nas opções do Facebook, não a contabilizamos.

<sup>15</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/349691378526332/posts/590917534403714> > Acesso em 24. nov. 2016.

Sendo assim, consideramos pertinente retirar da análise as publicações com “odiar” que fizessem parte da enquete, já que era uma votação e não uma reação à publicação como em outros casos.

A segunda publicação com o maior número de reações “odiar” é um link da revista Exame, que trata da reescrita da obra de Machado de Assis. Sua entrada era: “Machado simplificado: a notícia é velha, mas nossa indignação, eterna.” A figura a seguir apresenta a referida publicação.<sup>16</sup>

Figura 2 — Publicação com 261 reações "odiar".



Conforme a previsão, o fato relacionado ao alto índice de reações contrárias deve-se a uma notícia sobre a simplificação de uma obra literária, o que desagradava muitas pessoas. Nessa publicação, o número de reações para “odiar” foi bastante alto, conforme se vê no Gráfico 1, a seguir, sendo que, fora “curtir”, que é de longe a reação mais utilizada pelos usuários, “odiar” ficou bem à frente das outras.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/349691378526332/posts/630512320444235>> Acesso em 24. nov. 2016.

Gráfico 1 — Número de reações na publicação com maior "odiar".



Tais dados indicam uma reação negativa dos usuários ao assunto tratado na publicação de 02 de novembro de 2016. A notícia, no link, dizia respeito a um projeto de simplificação de obras clássicas, como “O Alienista”, de Machado de Assis, e “A pata da gazela”, de José de Alencar, publicado pela revista Exame em 2014 (a publicação teria ocorrido naquele ano). Outros poderiam ser “simplificados”, caso a escritora conseguisse mais verbas. Por essa razão, Lítera Brasil introduziu o link com a expressão “notícia é velha”, a fim de “lembrar” que a indignação continua. A manchete, relacionando Machado, foi escolhida porque o referido livro fora o primeiro a ser lançado. A obra de Alencar estava prevista para ser lançada em junho. A própria reportagem da revista já deixava claro que os leitores se dividiam entre apoiar ou não a simplificação, havendo uma tendência maior para as opiniões contrárias. Em outras palavras, o tema é polêmico e, tal como prevíamos, isso pode ser mapeado pelo alto índice de reações “odiar” na publicação. O que devemos esperar, então, é que os comentários sejam compatíveis com esse sentimento.

De fato, dos 93 comentários, 76 se mostraram contrários à proposta de simplificação e apenas 17 se mostraram simpáticos à proposta, ou viam menos problemas, se garantido o conteúdo. A seguir, apresentamos alguns desses comentários.

Quadro 2 — Exemplos de comentários.

Favoráveis	Contrários
Contemporaneidade tá aí, aceita que doi menos.	uma decadência imensurável
O problema é alterar a obra. Mas segundo autora da ideia não vai se modificar, somente a linguagem.	Mds, como assim facilitar a leitura To indignada temos que ensinar os jovens a ler não readaptar a linguagem deles

Vamo torcer pra ser o primeiro de muitos. Vontade de ler os Lusíadas mas n entendo nada do q ta la	Se durante tantos anos a obra foi trabalhada do jeito que realmente é, e muitos jovens ficaram apaixonados por ela (assim como eu) qual é a necessidade de mudar agora? Pobre Machado, deve estar se revirando no caixão
--	--

Os comentários mostram argumentos de diferentes fontes: para os favoráveis, deve-se aceitar isso como consequência da contemporaneidade; como algo natural, desde que não se modifique a obra; ou como algo que contribui para o entendimento de obras mais complexas. Já para os contrários, a obra literária tem seu valor se preservada, graças às escolhas do autor; é preciso “letrar” os mais jovens (e não facilitar leituras mais complexas); ou a obra pode fascinar as pessoas, sem que seja simplificada.

A outra matéria com número alto de “odiar” está apresentada a seguir. Como a anterior, a publicação tem um link que leva a uma notícia da revista Veja, e foi apresentada assim, em 29 de setembro de 2016: “Às vezes a ladeira parece não ter fim”.

Figura 3 — Publicação com 34 reações "odiar".



Novamente, o alto índice de reação “odiar” está relacionado a um fato desagradável ou polêmico, conforme previmos. Nesse caso, os leitores do Lítera Brasil, geralmente pessoas que têm interesse e gosto pela leitura, reagiram raivosamente ao fato de alguém publicar um livro sem gostar de ler. Ao ler a matéria, percebemos que o ator diz não ter necessariamente interesse em literatura; no entanto, sua publicação também não foi nessa área, o que poderia “amenizar” a relação entre seu pouco gosto pela leitura e o lançamento de um livro. A seguir, os números relativos às reações a essa publicação.

Gráfico 2 — Número de reações na publicação com alto índice de "odiar".



Aqui, ao contrário da anterior, temos em segundo lugar a reação “rir”, que deve estar associada ao fato de os leitores classificarem tal fato como uma espécie de “brincadeira”. No entanto, assim como a postagem anteriormente analisada, a reação “curtir” é a que fica em primeiro lugar.

Com relação aos comentários, dos 23 feitos na publicação, nenhum aceitou a postura do ator de colocar-se como um escritor que não gosta de ler. Alguns escreveram que isso é algum muito ruim, e outro relacionou a falta de hábito de leitura do ator à baixa qualidade de suas performances como ator. Cinco deles, contudo, fizeram ressalvas à matéria por ter sido veiculada pela revista *Veja*, colocando em dúvida a credibilidade da notícia, por associação a fatos anteriores de teor parecido, publicados pelo periódico. Para esses usuários, é preciso verificar com cuidado a entrevista e sua repercussão, para garantir que não houve distorção dos fatos. Um exemplo é este: “Eu não confiaria na *Veja*, eles distorceram tudo que a Mandy Candy disse na entrevista do lançamento do livro dela”.

Se a nossa previsão de que “odiar” está relacionado a publicações polêmicas, fato que gera comentários com argumentos para cada um dos lados do debate, devemos verificar se mesmo as publicações com baixo índice dessa reação corroboram a hipótese. A postagem que contabiliza 7 reações “odiar” é apresentada na Figura 4, a seguir.

Figura 4 — Publicação com 7 reações "odiar".



A publicação é de um link do G1 acerca de uma pesquisa realizada sobre leitura no Brasil. Obviamente, a pesquisa é mais complexa do que a manchete parece sugerir: de que Kéfera (youtuber) possa estar “duelando” com Machado por uma posição de escritora de referência. Como estratégia de “chamariz” para a leitura do texto, a manchete contribui para uma reação imediata (e contrária) dos leitores. Nesse caso, vale dizer que, além das 7 reações “odiar”, houve 38 “chorar”, fato que parece indicar um lamento por parte dos leitores. Dos 23 comentários, alguns apontam para possibilidade da leitura de Kéfera levar os jovens a outros livros, comentários que chamamos de “favoráveis”. Por outro lado, quem é contra utiliza argumentos de que isso reflete a sociedade e deve seguir acontecendo algo similar em outras artes, conforme indicamos no quadro a seguir.

Quadro 3 — Exemplos de comentários.

Contrários	Favoráveis
É só um reflexo do que a sociedade está se tornando!	Toda entrada na literatura é válida
Próxima notícia do G1 vai ser: Catra empata com Beatles. Taqueopariu!	Meu primeiro pensamento: "Oi?...aaaaff" Mas aí lembrei que quando comecei a ler Harry Potter, 15 anos atrás, uma conhecida me disse que aquilo era porcaria, que eu tinha que ler Machado de Assis (vejam só! ). Hoje é indiscutível o quanto Harry Potter influenciou minha geração a ingressar no universo literário. Não vamos entrar no mérito de ser bom ou ruim (isso é muito subjetivo, muito complexo). Sendo assim, não tem problema nenhum a Kefera vender milhões de exemplares. Quero mais é que essa juventude leia.. começa com a Kefera e um dia, com muita sorte, eles encontrarão Machado, Érico, Eça, Jorge, Clarice, Drummond...

Para finalizar nossa descrição e análise, apresentaremos uma das postagens com 2 reações “odiar”, que faz referência a algo semelhante (Kéfera como escritora), conforme Figura 5.

Figura 5 — Publicação com 2 reações “odiar”.



A publicação, que brinca com o fato de alguém preferir uma youtuber escritora a Machado de Assis, teve um número alto de reações (2.837) e comentários (292). Apesar do baixo número de reações “odiar”, nossa previsão é de que possa incluir comentários com traços de argumentação.

Quadro 4 — Exemplos de comentários.

Contrários	Favoráveis
faço das palavras de eduardo as minhas, minha cara pense um pouco, qual livro traz correntes historicas e criticas humanitarias/politicas? o da kefera? acho q n	Também prefiro Machado. Mas tudo bem ler Kéfera.
Temo pelo o que há de vir nas próximas gerações. Não é a toa que a sociedade atualmente anda tão frustrada	Não acho errado, ela ler um livro de Youtuber. Se as pessoas parassem de tratar o clássico como uma obrigação, mas sim como prazer, talvez os jovens leriam livros clássicos. O erro é você que ler é uma obrigação tirando o prazer de ler. Se ler um tal livro, é um bom começo.

Os comentários da publicação apresentam debates bastante acalorados sobre a validade desse tipo de leitura, em relação à leitura dos clássicos. Resumimos, no Quadro 4, alguns dos argumentos principais: quem é contrário à leitura de livros dessa natureza alega que há uma decadência cultural da juventude de hoje e que Machado de Assis consegue aglutinar muita cultura em suas obras. Por outro lado, quem é favorável defende que é melhor esse tipo de



leitura do que nada, que se pode começar por ali e expandir o conhecimento literário e, por fim, que é preciso respeitar o gosto dos mais jovens.

Portanto, todos os dados aqui apresentados corroboram nossa hipótese de que há uma relação direta entre o tipo de reação e a composição dos comentários. Nesse sentido, nossa análise parece demonstrar que a relação entre dados de navegação e dados de leitura (letramento) deve ser mais explorada no ambiente das redes sociais, a fim de tentarmos descrever melhor as características dos gêneros que ali circulam.

Não menos importante é a conclusão de que, no percurso de interação com o texto (da reação ao comentário), as escolhas dos leitores ajudam os pesquisadores na descrição e análise de sua língua. Tudo isso, claro, tem sido permitido pelo desenvolvimento de aplicativos computacionais que contribuem para a extração e análise de dados nesses ambientes. Sem o Netvizz, nesse caso, nossa tarefa aqui seria praticamente impossível, já que teríamos que verificar uma a uma as mais de 600 ocorrências extraídas pelo aplicativo no período em questão.

## **5. Considerações finais**

Neste artigo, procuramos demonstrar que parece existir uma relação entre o tipo de reação (interação mais básica) e as características do gênero comentário, em publicações no Facebook. Ao focarmos na reação “odiar”, mostramos que essa reação indica que o assunto tratado (a publicação) tem ou um grau de polêmica ou é algo em desacordo com a maioria dos seguidores da página, o que pode ser sustentado a partir da descrição dos comentários.

Nesse sentido, o trabalho contribuiu para mostrar que um aplicativo de coleta de dados em redes sociais pode contribuir bastante para a descrição e análise de alguns gêneros que ocorrem nesse ambiente digital, o que é cada vez mais relevante nessa era do hipertexto.

Ao concluirmos este artigo, queremos colocar algumas questões que podem contribuir para pesquisas futuras em perspectivas semelhantes. A primeira delas é: como tratar o alto índice de “curtir” presente nas publicações da rede? O que ele poderia revelar sobre a interação realizada pelos usuários? Essa pergunta tem relevância, uma vez que se constata, por exemplo, que “curtir” é usado inclusive para realizar outras ações, como simplesmente indicar ao elaborador da postagem que ela foi lida.

Outro ponto importante seria a tentativa de se descrever o alto índice de outras reações a outras características de comentários. Em outras palavras, poderíamos perguntar, por exemplo, o que um alto índice de “chorar” revelaria sobre os comentários.

Sobre a diferença com relação aos tipos de publicações, ou seja, entre o número de imagens e vídeos, frente aos outros tipos de publicações, ainda que não seja propósito deste trabalho, levantamos algumas hipóteses para tal ocorrência, a serem testadas em outros trabalhos: primeiro, que as publicações que exigem menos rolagem ou cliques devem ser as que mais provocam o engajamento; depois, que as publicações desse tipo têm um caráter mais lúdico, algo muito procurado em páginas desse tipo, especialmente com a proliferação de memes e gêneros similares.

Nossa contribuição para a área dos estudos em gêneros, língua portuguesa e ferramentas para análise linguística deverá continuar, a fim de verificar o seguinte ponto: esse padrão de característica dos comentários argumentativos em publicações com alto índice de “odiar” é verificado em outras páginas, como de jornais, por exemplo? Esperamos responder essa pergunta em análises futuras.

### **Agradecimentos**

Agradecemos a Fernanda Cavassana (UFPR/UTFPR) pela instrução no uso com o Netvizz e aos dois pareceristas anônimos da Domínios de Lingu@gem pelas revisões e comentários. Os problemas persistentes são de nossa responsabilidade.

### **Referências**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Trad. Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

COSCARELLI, C. V. Navegar e ler na rota do aprender. In: COSCARELLI, C. V. (Org.) **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.

FREIRE, C. P. **Método de monitoramento de redes sociais**: epistemologia, técnicas e propostas de mineração de banco de dados para conteúdos gerados por fãs de telenovela em redes sociais. Tese de doutorado. Escola de Comunicação e Artes. Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, 2015.

FISCHER, S. R. **História da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GNANADESIKAN, A. E. **The writing revolution**: cuneiform to the Internet. Chichester: Willy-Blackwell, 2009.

GRINSPUN, M. P. S. Z. (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Editora ALEPH, 2014.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LIMA, C. **Cibercultura, ciberlinguagem e cibereducação**. São Paulo: Editora Biblioteca24horas, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

MARTÍNEZ, F. S. **Impacto socio-cultural de las tecnologías**. Murcia (Espanha): Umtv (Universidad de Murcia), 2015. (8 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eOu9exw-Pv0>. Acesso em: 22 maio 2016.

PINTO, Á. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro, Contraponto: 2005.

POE, M. T. **A history of communications: media and society from the evolution of speech to the Internet**. New York: Cambridge University Press, 2012.

RECUERO, R. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOS, E. P.; ALVES FILHO, F. O plurilinguismo no gênero comentário online: encontro e confronto entre muitas vozes sociais. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 2, abr./jun. 2014, p. 301-317. Disponível em: <http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/502> Acesso em 24. nov. 2016.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Tradução: Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

VARGAS, M. Prefácio. In: GRINSPUN, M. P. S. Z. **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 7-19.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

WOLTON, D. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

XAVIER, A. C. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Pipa Comunicação, 2013.

Artigo recebido em: 14.12.2016

Artigo aprovado em: 31.01.2017